

auggie & eu

três histórias
EXTRAORDINÁRIAS

o capítulo de Julian



Plutão



Shingaling



R. J. Palacio

auggie & EU

três histórias
EXTRAORDINÁRIAS

O capítulo do Julian – Plutão – Shingaling

R.J. PALACIO

Tradução de Rachel Agavino



Copyright *O capítulo do Julian* © 2014 by R. J. Palacio
Copyright *Plutão* © 2015 by R. J. Palacio
Copyright *Shingaling* © 2015 by R. J. Palacio

ARTE DE CAPA
Tad Carpenter

LETTERING
Cortesia Shutterstock

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA E DE IMAGENS DO MIOLO
ô de casa

TÍTULO ORIGINAL
Auggie & Me

PREPARAÇÃO
Isabela Fraga
Marcela de Oliveira
Pedro Staite

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Isis Batista
Juliana Pitanga
Luisa Ulhoa
Juliana Werneck
Thaís Nacif

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P176a

Palacio, R. J.

Auggie & eu / R. J. Palacio ; tradução Rachel Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

320 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Auggie & me*
ISBN 978-85-8057-841-6

I. Ficção americana. I. Agavino, Rachel. II. Título.

15-25423

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Dedico este livro às meninas que cresceram e se tornaram Marta, Lisa, Lee, Carol, Fauzia, Meg e todas as minhas queridas e amadas amigas. Obrigada por me tornarem quem eu sou hoje.

— RJP

Sumário

Introdução 11

O capítulo do Julian 17

Plutão 113

Shingaling 193

Você sabe o que é ser criança? É ser algo muito diferente do homem de hoje. É ter um espírito ainda pingando com as águas do batismo; é acreditar no amor, acreditar na delicadeza, acreditar na crença; é ser tão pequeno que os elfos alcançam seu ouvido para sussurrar; é transformar abóboras em carruagens, e ratos em cavalos, humildade em altivez, e nada em tudo, porque cada criança tem uma fada madrinha em sua alma; é viver numa casca de nós e se acreditar o rei do espaço infinito.

— Francis Thompson, “Shelley”

Introdução

“Você vai escrever uma sequência para *Extraordinário*?”, pergunta alguém na plateia.

“Não, sinto muito”, respondo, um pouco constrangida. “Não acho que seja o tipo de livro que deixe espaço para uma sequência. Gosto de pensar que os fãs de *Extraordinário* vão imaginar sozinhos o que acontecerá depois com Auggie Pullman e com todas as outras pessoas do universo dele.”

Esse diálogo, ou algo bem semelhante, se repetiu em todas as noites de autógrafo, palestras ou leituras que fiz desde o lançamento de *Extraordinário*, em 14 de fevereiro de 2012. Provavelmente foi a pergunta mais recorrente, depois de “Vão fazer um filme de *Extraordinário*?” e “O que inspirou você a escrever *Extraordinário*?”.

E aqui estou, escrevendo a introdução de um livro que, para todos os fins, é um complemento a *Extraordinário*. Então como exatamente isso aconteceu?

Para responder a essa pergunta, devo falar um pouco de *Extraordinário*. Se você comprou ou ganhou este livro, provavelmente já leu a história, então não preciso entrar em detalhes. Basta dizer que é sobre um menino de dez anos chamado Auggie Pullman, que nasceu com uma deficiência craniofacial e que enfrenta os altos e baixos de ser um aluno novo na escola Beecher Prep. Acompanhamos essa jornada pela perspectiva dele e de vários personagens que passam pela sua vida ao longo desse ano crucial, cujas observações ajudam

o leitor a compreender o processo de autoaceitação de Auggie. Não vemos o ponto de vista dos personagens cujas histórias não acrescentam diretamente à de Auggie durante aquele ano letivo ou cuja compreensão de Auggie é tão limitada que não lança uma luz sobre o personagem. Afinal, *Extraordinário* é a história de Auggie do princípio ao fim. E eu fui muito rigorosa neste sentido: quis contar sua história de modo simples e linear. Os personagens que não ajudariam a narrativa a avançar — ou que contariam uma história paralela, anterior ou posterior aos acontecimentos de *Extraordinário* — não ganharam voz no livro.

No entanto, isso não quer dizer que alguns desses personagens não tenham histórias interessantes para contar — histórias que poderiam ter explicado um pouco suas motivações, mesmo que essas revelações não afetassem Auggie diretamente.

E é exatamente aí que entra este livro.

Para deixar claro: *Auggie & eu* não é uma sequência. Não começa onde *Extraordinário* parou. Não continua contando a história do percurso de Auggie Pullman na escola. Na verdade, Auggie é apenas um personagem secundário nestas histórias.

Este livro é, precisamente, uma expansão do mundo de Auggie. As três histórias aqui reunidas — *O capítulo do Julian*, *Plutão* e *Shingaling*, todas originalmente publicadas em e-book — são contadas por Julian, Christopher e Charlotte, respectivamente. São três narrativas completamente distintas, que contam as histórias de personagens que só aparecem nas dos outros ocasionalmente, se é que aparecem. No entanto, todas têm algo em comum: Auggie Pullman. A presença do menino em suas vidas serve como catalisador para as mudanças, sutis ou nem tanto, que cada um deles vivenciou.

Auggie & eu também não é uma sequência no sentido tradicional porque não há continuação da história de Auggie, exceto por um breve avanço para o verão depois do quinto ano, em *O capítulo do Julian*, que fornece um desfecho interessante para a trama Julian/Auggie. Fora

isso, os leitores não descobrem o que acontece com Auggie Pullman no sexto ano, no ensino médio ou depois disso. Posso garantir que esse livro, a sequência de fato, jamais será escrito. E isso é uma coisa boa, pessoal. Um dos mais belos subprodutos de *Extraordinário* é a incrível *fan fiction* que ele gerou. Os professores estão usando o livro em sala de aula, pedindo aos alunos que entrem no personagem e escrevam seus próprios capítulos como se fossem Auggie, Summer ou Jack. Li histórias sobre Via, Justin e Miranda. Capítulos escritos do ponto de vista de Amos, Miles e Henry. Li até um capítulo muito emocionante escrito por uma criança do ponto de vista de Daisy!

Mas acho que a história mais comovente que li foi sobre Auggie, com quem os leitores parecem se envolver de forma muito afetuosa. Algumas crianças me disseram que tinham certeza de que Auggie seria astronauta quando crescesse. Ou professor. Ou veterinário. Aliás, elas me contam isso com enorme autoridade — quase empírica. Sem rodeios. Sem achismo. Então, quem sou eu para discordar? E por que eu escreveria uma sequência que limitaria todas essas opções? Auggie, até onde sei, tem um futuro brilhante e maravilhoso, com infinitas possibilidades, todas igualmente grandiosas.

Sou realmente abençoada pelo fato de os leitores de *Extraordinário* se sentirem tão próximos de Auggie a ponto de imaginarem como vai ser a vida dele. Sei que entendem que só porque escolhi terminar *Extraordinário* com um dia feliz na vida de Auggie, isso não garante que ele tenha uma vida feliz. Ele certamente tem uma boa dose de desafios pela frente, na vida adulta; altos e baixos, novos amigos, outros Julians e Jacks e, claro, outras Summers. Espero que os leitores intuem, com base em como Auggie se virou durante seu primeiro ano na Beecher Prep, com todas as provações e tribulações, que ele tem dentro de si tudo de que precisa para superar qualquer obstáculo que a vida puser em seu caminho, suportar os desafios que surgirem e desviar os olhares dos curiosos (ou rir deles). E, nos bons e maus momentos, sua família — Isabel, Nate e Via — estará sempre

com ele. “A única coisa que conheço que realmente cura as pessoas é o amor incondicional”, escreveu Elisabeth Kübler-Ross, e pode ser por isso que Auggie nunca sucumbirá a qualquer ferida infligida por palavras descuidadas dos passantes, ou pelas escolhas de seus amigos. Isso ele tem também — amigos, tanto conhecidos quanto desconhecidos, que ficarão ao seu lado quando ele mais precisar.

No fim, os leitores sabem que *Extraordinário* nunca foi de fato sobre o que acontece com Auggie Pullman. É sobre como Auggie acontece para o mundo.

O que me traz de volta a este livro — ou, mais precisamente, às três histórias de *Auggie & eu*.

Na primeira vez que sugeriram que eu escrevesse esses pequenos e-books, agarrei a oportunidade — mais especificamente em nome de Julian, que foi muito detestado entre os fãs de *Extraordinário*. Até hoje é possível encontrar no Google o “Keep calm e não seja um Julian”, já que as pessoas podem fazer os próprios cartazes.



E entendo perfeitamente essa rejeição. Até agora, só conhecemos Julian pela perspectiva de Auggie, Jack, Summer e Justin. Ele é grosseiro. Malvado. O modo como encara Auggie, os apelidos que

inventou para ele e suas tentativas de jogar os colegas contra Jack podem ser considerados bullying. Mas qual o fundamento de toda essa raiva? O que há com Julian e por que ele é tão cruel?

Mesmo enquanto eu escrevia *Extraordinário*, sabia que Julian tinha uma história para contar. Mas também sabia que sua história de bullying, ou o que o levava a agir daquela forma, tinha pouca importância para Auggie e não impactaria na narrativa, portanto não pertencia a *Extraordinário*. Afinal, não era para as vítimas de bullying terem compaixão por seus algozes. Mas adorei a ideia de explorar a personalidade de Julian em um livrinho só dele — não para perdoar suas ações, porque são repreensíveis (não há justificativa para o que ele faz com Auggie), mas para entendê-lo melhor. É importante lembrar que Julian ainda é só um garotinho. Sim, ele agiu mal, mas isso não faz dele necessariamente uma “criança má”. Nossos erros não nos definem. O mais difícil é aceitar os erros. Julian vai se redimir? Será que ele consegue? Será que ele quer? Essas são as perguntas que faço e respondo em *O capítulo do Julian*, lançando uma nova perspectiva sobre as motivações dele.

A segunda história de *Auggie & eu é Plutão*. É narrada do ponto de vista do amigo mais antigo de Auggie, Christopher, que se mudou para outro bairro muitos anos antes dos acontecimentos de *Extraordinário*. *Plutão* oferece um olhar único sobre a vida de Auggie antes da Beecher Prep. Christopher estava lá durante as primeiras dificuldades e decepções que Auggie enfrentou: as terríveis cirurgias, o dia em que Nate Pullman trouxe Daisy para casa, os antigos amigos do bairro, que parecem desaparecer da vida do menino. Agora, mais velho, Christopher encara os desafios de continuar amigo de Auggie: os olhares, as reações constrangidas dos novos amigos. É tentador se afastar de uma amizade quando ela se torna difícil, mesmo nas melhores circunstâncias. E Auggie não é o único que está testando a lealdade de Christopher. Será que ele vai se manter firme ou desistir?

A terceira história é *Shingaling*, contada por Charlotte, a única menina entre as três crianças escolhidas pelo Sr. Buzanfa para fazer parte do comitê de boas-vindas a Auggie. Em *Extraordinário*, Charlotte mantém com Auggie um relacionamento amigável, mas um pouco distante. Ela dá tchauzinho quando o vê, nunca se senta com as crianças que são más com ele, tenta ajudar Jack, mesmo que em segredo. É uma boa menina — quanto a isso não há dúvida —, mas nunca se desvia do caminho para ser mais do que correta. *Shingaling* mergulha na vida de Charlotte Cody durante o quinto ano na Beecher Prep, e os leitores descobrem que havia um monte de outras coisas acontecendo naquele ano sobre as quais Auggie Pullman não sabia: apresentações de dança, meninas malvadas, alianças antigas e novas panelinhas. Maya, Ximena, Savanna e, especialmente, Summer, têm um lugar de destaque em *Shingaling*, que, como *Plutão* e *O capítulo do Julian*, trata da vida de uma criança normal que é transformada por circunstâncias extraordinárias.

Não importa se é sobre Auggie e Julian, Auggie e Christopher ou sobre Auggie e Charlotte; as três histórias de *Auggie & eu* examinam as complexidades da amizade, lealdade e compaixão, e — acima de tudo — exploram os efeitos duradouros da bondade. Muito tem sido escrito sobre o ensino fundamental, os anos pré-adolescência e sobre como esse é um momento na vida das crianças em que quase se espera que sejam cruéis umas com as outras enquanto traçam seu caminho por novas situações sociais por conta própria, muitas vezes sem a supervisão dos pais. Mas eu vejo um lado diferente das crianças — uma tendência à nobreza, um desejo de fazer o que é certo. Acredito nas crianças e em sua capacidade ilimitada de cuidar, amar e querer salvar o mundo. Não tenho dúvidas de que elas nos levarão a um patamar de maior tolerância e aceitação para todos no universo. Para todos os fracassados e desajustados. E para Auggie e eu.

— RJP

O capítulo do Julian



Uma história EXTRAORDINÁRIA

Seja gentil, pois cada pessoa que você encontra
está travando uma grande batalha.

— Ian Maclaren

Antes

Talvez eu tenha criado as estrelas e o Sol e esta casa enorme, mas já não lembro.

— Jorge Luis Borges, “A casa de Asterion”

• • •

O medo não pode machucá-lo mais que um sonho.

— William Golding, *O senhor das moscas*

Normal

Tá bem, tá bem, tá bem.

Eu sei, eu sei, eu sei.

Não fui legal com August Pullman!

Grande coisa. Não é o fim do mundo, gente! Vamos parar com o drama, ok? O mundo é enorme e nem todos são legais sempre. É assim que as coisas são. Então vocês podem, por favor, superar isso? Acho que já está na hora de seguir em frente e cuidar das suas próprias vidas, não acham?

Meu Deus!

Não entendo. Não entendo mesmo. Em um minuto eu sou, tipo, o garoto mais popular do quinto ano. E no minuto seguinte, eu sou... não sei. Não importa. É horrível. Este ano inteiro foi horrível! Para começar, eu queria que Auggie Pullman nunca tivesse vindo para a Beecher Prep! Queria que ele tivesse mantido aquela sua carinha medonha escondida, como em *O fantasma da ópera*, ou algo assim. Use uma máscara, Auggie! Tire seu rosto da minha frente, por favor. Tudo seria bem mais fácil se você simplesmente desaparecesse.

Pelo menos para mim. Na verdade, também não quero dizer que ele tire de letra. Sei que não deve ser fácil para ele se olhar no espelho todos os dias, ou andar pela rua. Mas isso não é problema meu. Meu problema é que tudo está diferente desde que ele entrou na minha escola. As crianças estão diferentes. Eu estou diferente. E isso é um saco.

Eu queria que tudo fosse como era no quarto ano. Nós nos divertíamos tanto, tanto, tanto! Brincávamos de pique-bandeira no pátio e, sem querer me gabar, mas todo mundo queria andar comigo, sabe?

Só estou dizendo. Todos queriam ser minha dupla quando tínhamos trabalhos de estudos sociais. E todo mundo sempre ria quando eu dizia algo engraçado.

Na hora do almoço, eu sempre me sentava com minha turma e nós éramos, tipo, uma turma. Totalmente *uma turma*. Henry. Miles. Amos. Jack. Nós éramos uma turma! Era tão legal! Tínhamos um monte de piadinhas internas. Sinais com as mãos para várias coisas.

Não sei por que isso teve que mudar. Não sei por que todo mundo ficou tão idiota em relação a tudo.

Na verdade, eu *sei* por quê: foi por causa de Auggie Pullman. Foi no momento em que ele apareceu que as coisas deixaram de ser como antes. Tudo era absolutamente normal. E agora está tudo confuso. E é por causa dele.

E do Sr. Buzanfa. Na verdade, a culpa é meio que toda do Sr. Buzanfa.

O telefonema

Lembro que minha mãe fez um grande alarde por causa do telefonema do Sr. Buzanfa. Naquela noite, durante o jantar, ela não parou de falar sobre como aquilo era uma honra. O diretor do ensino fundamental II tinha ligado para perguntar se eu podia fazer parte do “comitê de boas-vindas” a um garoto novo na escola. Uau! Que novidade! Mamãe agiu como se eu tivesse ganhado um Oscar ou algo assim. Ela disse que isso provava que a escola de fato reconhecia quem eram as crianças “especiais”, e isso era maravilhoso. Minha mãe nunca tinha encontrado o Sr. Buzanfa porque ele era o diretor do ensino fundamental II e eu ainda estava no I, mas ela não parava de falar, toda animada, sobre como ele tinha sido gentil ao telefone.

Minha mãe sempre foi meio que uma pessoa importante na escola. Ela faz parte de um tal conselho diretor, que eu nem sei o que é, mas parece ser muito importante. Ela também sempre se voluntaria para as coisas. Tipo, ela sempre foi a mãe representante de todos os anos em que estudei na Beecher. Sempre. Ela faz muita coisa pela escola.

Então, no dia em que eu deveria fazer parte do “comitê de boas-vindas”, minha mãe me deixou na porta da escola. Ela queria me levar até lá dentro, mas eu falei:

— Mãe, já estou no quinto ano!

Ela entendeu a dica e saiu com o carro antes que eu entrasse no prédio.

Charlotte Cody e Jack Will já estavam no hall de entrada e nós nos cumprimentamos. Jack e eu demos nosso aperto de mãos especial e dissemos oi para o segurança. Depois subimos para a sala do Sr. Buzanfa. Era tão estranho estar na escola sem ninguém lá!

— Cara, a gente podia andar de skate aqui dentro e ninguém ia descobrir! — falei para Jack, correndo e derrapando no chão liso do corredor, depois que o segurança não podia mais nos ver.

— Ah, é — disse Jack, mas notei que, quanto mais perto da sala do Sr. Buzanfa a gente chegava, mais quieto Jack ficava. Na verdade, ele meio que parecia que ia vomitar.

Quando estávamos chegando ao topo das escadas, ele parou.

— Não quero fazer isso! — falou.

Parei ao lado dele. Charlotte já estava lá em cima.

— Vamos! — chamou ela.

— Você não manda na gente! — respondi.

Ela balançou a cabeça e revirou os olhos. Ri e dei uma cutucada em Jack com o cotovelo. A gente adorava implicar com Charlotte Cody. Ela era sempre tão certinha!

— Isso é tão errado! — disse Jack, esfregando o rosto.

— O quê? — questionei.

— Você sabe quem é esse garoto novo? — perguntou Jack.

Neguei com a cabeça.

— Você sabe quem ele é, não sabe? — falou então para Charlotte, erguendo os olhos para ela.

Charlotte desceu as escadas até onde a gente estava.

— Acho que sim — respondeu.

Ela fez uma careta, como se tivesse acabado de provar algo ruim.

Jack balançou a cabeça e depois bateu nela três vezes com a palma da mão.

— Eu sou um idiota por ter concordado com isto! — falou, os dentes trincados.

— Peraí, quem é? — perguntei.

Empurrei o ombro de Jack para fazê-lo olhar para mim.

— É aquele menino chamado August — disse ele. — Sabe, o garoto que tem aquela cara...

Eu não tinha a menor ideia de quem ele estava falando.

— Você está de brincadeira? — disse Jack. — Você nunca viu esse menino? Ele mora no nosso bairro. Vai ao parquinho às vezes. Você tem que ter visto ele. Todo mundo já viu!

— Ele não mora nesse bairro — corrigiu Charlotte.

— Mora, sim! — retrucou Jack, impaciente.

— Não. O *Julian* não mora no bairro — disse ela, tão impaciente quanto ele.

— O que isso tem a ver? — perguntei.

— Esquece! — interrompeu Jack. — Não importa. Acredita em mim, cara, você nunca viu nada como isso.

— Por favor, Jack, não seja mau — falou Charlotte. — Isso não é legal.

— Não estou sendo mau! — retrucou Jack. — Só estou dizendo a verdade.

— Como exatamente ele é? — perguntei.

Jack não respondeu. Apenas ficou parado, balançando a cabeça. Olhei para Charlotte, que franziu a testa.

— Você vai ver — disse ela. — Agora vamos, ok?

Ela se virou, subiu de novo as escadas e sumiu no corredor que levava à sala do Sr. Buzanfa.

— Agora vamos, ok? — falei para Jack, imitando Charlotte perfeitamente. Achei que ele riria disso, mas não funcionou. — Jack, cara, vamos lá! — insisti.

Fingi dar um tapão forte na cara dele. Isso o fez rir um pouco, e ele revidou com um soco em câmera lenta. Então começamos uma rápida brincadeira de “luta”, que consiste em um tentar acertar as costelas do outro.

— Vamos, meninos! — chamou Charlotte do alto das escadas. Ela tinha voltado para nos buscar.

— Vamos, meninos! — sussurrei para Jack, e dessa vez ele meio que riu.

Mas, assim que viramos no corredor e chegamos à sala do Sr. Buzanfa, ficamos todos muito sérios.

Quando entramos, a Sra. Garcia nos mandou esperar na sala da enfermeira Molly, que era bem pequena e ficava ao lado da sala do Sr. Buzanfa. Não dissemos nada uns aos outros enquanto esperávamos. Resisti à tentação de fazer um balão com as luvas de látex que estavam na caixa ao lado da mesa de exame, embora soubesse que isso teria feito todos rirem.

O capitão do Julian



Plutão



Shingaling



Mais um passeio pelo mundo de Auggie!

Esta imperdível coleção traz três histórias do garotinho extraordinário que conquistou milhares de leitores no mundo todo.

Sobre **EXTRAORDINÁRIO**

“Um romance memorável.”

The New York Times

“Uma história linda, divertida e emocionante sobre uma transformação silenciosa.”

The Wall Street Journal

“É impossível não torcer por esses personagens.”

Entertainment Weekly

“Uma gloriosa investigação sobre a natureza da amizade, da tenacidade, do medo e, o mais importante, da bondade.”

The Huffington Post

ISBN 978-85-8057-841-6



9 788580 578416

www.intrinseca.com.br